

## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

#### ***Escuta, gajon e a oficina de vídeo entre os ciganos calon de Mambaí***

Autores: Dalcivan Alves da Silva e Alice Lanari

#### **Resumo:**

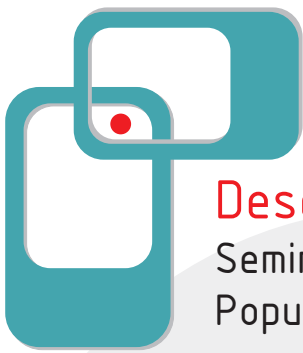
Procuramos aqui apresentar a experiência audiovisual que se estabeleceu entre uma comunidade de ciganos que vivem nos arredores da cidade de Mambaí, interior de Goiás, e uma pesquisadora audiovisual. Ao longo de dois anos, aprendemos muito uns com os outros, principalmente sobre o valor das diferenças e como negociá-las, além de produzirmos o documentário *Escuta, gajon*. Acreditamos que todos podem contar suas histórias, e que as representações audiovisuais são uma nova e importante ferramenta para esse fim.

Palavras-chave: Ciganos, oficina de vídeo, representação.

A oficina de vídeo com os ciganos *calon*<sup>0</sup> teve início em março de 2007 na cidade de Mambaí, interior do estado de Goiás. Partiu de proposta de pesquisa realizada através do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Nossa rotina envolvia um encontro mensal, onde nos juntávamos com a pesquisadora e os pesquisados, e todos os atores, em uma pesquisa audiovisual, cujo objetivo era perceber como o grupo construiria uma representação em vídeo, contando a respeito de si e de seus valores, no momento em que tivessem controle sobre essa construção. Nosso compromisso era apenas com a verdade da representação.

Uma vez por mês, Alice, a pesquisadora, passava um fim-de-semana em Mambaí. No primeiro trimestre os encontros eram mais teóricos e nos reuníamos numa sala de aula na Escola Estadual Valter Moreira dos Santos, onde as crianças da comunidade cigana estudam. Lá assistíamos aos documentários sobre os mais diferentes assuntos, refletindo sobre as diversas formas de apresentação de uma ideia. Realizávamos debates, identificando quais aspectos da cultura *calon* gostaríamos de registrar e de que maneira poderíamos fazer isso: entrevistando, encenando, cantando, fabulando, seguindo alguém...

Nos meses seguintes, passamos à prática. Preparávamos o plano de filmagem daquele fim-de-semana e saíamos para filmar, munidos de uma câmera digital Sony PD 170 e de um microfone direcional, fornecidos pela UnB. Entrevistamos os integrantes do grupo – mais velhos e mais novos – filmamos as casas, as barracas, as *catiras*<sup>0</sup>, as diversões, a comida, a bebida, o dia-a-dia, enfim. No mês de outubro de 2007 passamos uma semana filmando a preparação e a feitura da festa para Nossa Senhora Aparecida, que é feita anualmente na



## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

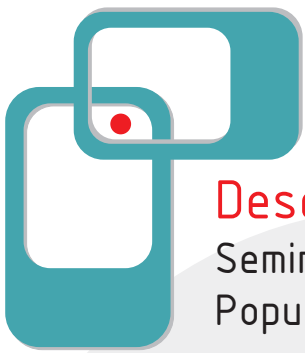
comunidade e junta gente de todo o estado, além de ciganos parceiros que vêm de todo o Brasil. A cada novo mês assistíamos às imagens que havíamos feito no mês anterior e filmávamos novas situações, aspectos da cultura *calon*, formas que o grupo desenvolveu para viver suas tradições e costumes.

A participação dos ciganos na oficina, podemos assim dizer, se deu em círculos. Havia um círculo maior, que envolvia as pessoas que se deixavam filmar e que também propunham situações interessantes para o filme; um círculo um pouco menor, composto pelas pessoas que estiveram definindo com a equipe o que deveria entrar na representação e quais seriam os próximos passos; e um círculo pequeno, enxuto, que era a equipe de filmagem propriamente dita. Éramos três: um câmera, um técnico de som e a pesquisadora, que se assumiu também como co-diretora do filme depois de muitos embates a respeito disso.

Esses embates vinham crescendo desde o início das filmagens, pois a cada novo módulo da oficina questionava-se a responsabilidade pela tomada de decisões sobre o que e como deveria ser filmado. No início, a pesquisadora preocupava-se em não interferir nessas escolhas, por entender que a pesquisa deveria permitir que as características da identidade *calon* aflorassem naturalmente por meio de um dispositivo – a linguagem audiovisual – se necessário, a partir de estímulos, mas nunca de ideias, dados pela pesquisadora. Na pressa para *resolver* a questão do que seria filmado, embalados pela expectativa sobre o que o *outro* traria para o jogo, nos cegávamos para a grande vocação desta pesquisa: a riqueza trazida pela negociação audiovisual entre culturas distintas.

A solução desse conflito configurou um verdadeiro “antes e depois” na experiência da oficina de formação. Após inúmeras “chamadas” por parte do grupo *calon* de que estávamos juntos ali e que não fazia sentido que as responsabilidades pelas decisões tivessem pesos diferentes, passamos a negociar de fato cada nova cena ou plano de filmagem. Nesse novo contexto, as decisões passaram a ser tomadas não apenas pelos ciganos, que detinham o valor da cultura, nem apenas pela pesquisadora, que detinha o valor da linguagem audiovisual, mas sim por ambos, em negociação permanente. Juntos, imersos nesse diálogo intercultural, passávamos dois dias por mês filmando e debatendo, trabalhando de maneira mais harmônica, compartilhando ideias. E foi justamente no diálogo franco que as ideias do grupo passaram a se manifestar com menos formalidade e engessamento, oferecendo-se mais livres e abertas. Conseguimos, após dois anos, entre filmagem e edição, terminar o documentário *Escuta, gajon<sup>0</sup>*, um dos resultados desta oficina de formação audiovisual.

Tínhamos dois interesses: mostrar no filme não apenas como essa comunidade vivia antigamente – ainda nômades, os ciganos *calons* negociavam cavalos e outros



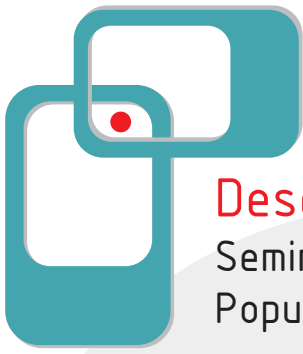
## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

animais e iam passando de cidade em cidade, montando barracas e fazendo negócios – mas, principalmente, como vivem hoje, buscando atualizar sua imagem. Estão fixados na mesma cidade há trinta anos, negociam carros e outros bens em vez de animais, moram em casas de alvenaria em vez de barracas. Mas isso não quer dizer que não viajem bastante durante o ano em busca de negócios, e que nessas viagens não montem suas barracas. Ainda valorizam muito a vida cigana tal como a viveu seus pais e avós. Hoje o estilo de vida atual é mais condizente com a realidade econômica e social do grupo, mas nem por isso deixaram de ser ciganos.

Além desse objetivo, gostaríamos de propor uma nova imagem do que é ser cigano hoje. Pois são muitas as maneiras de ser cigano no mundo e também no Brasil. Existem ciganos que são nômades, que fazem tachos de cobre, artesanatos, que lêem a sorte. Este grupo cigano leva a vida de outra maneira. Tem sua língua, tem seus costumes, tem suas festas, e assim mantém suas tradições. Mas a maioria das representações audiovisuais acerca do povo cigano teima em oferecer uma visão única, estereotipada, originada em fôrma eurocêntrica e estigmatizante.

Se perguntarmos a brasileiros adultos, homens e mulheres, classe média, moradores em grandes cidades, quais são os produtos audiovisuais que influíram em seus imaginários sobre a identidade cigana, é provável que seja mencionada a telenovela *Explode Coração*, escrita por Gloria Perez e exibida pela Rede Globo no ano de 1995. Poderá ocorrer também alguma menção à conexão entre as entidades espirituais da umbanda e o povo cigano, recorrente em séries de reportagens jornalísticas e outros produtos televisivos. No cinema, é possível que tenham visto algum filme do cineasta Emir Kusturica, como *Time of the Gypsies*, que conta a história de Perhan, um filho de mãe cigana que vive com a avó e a irmã nos arredores de Sarajevo. E poderão conhecer também, se forem adultos interessados, ao mesmo tempo, em cinema e em ciganos, o documentário *Latcho Drom*, do cineasta argelino Tony Gatlif, que é filho de ciganos romenos, mas com ascendência espanhola. Esse filme é mais informativo do que os outros quanto à diversidade própria do povo cigano, e propõe a existência de um tronco comum ao ligar experiências tão distintas culturalmente. É uma mistura de documentário com musical, e acompanha grupos ciganos marcados por alguma forte relação com a música e a dança, que é a proposta de elo condutor adotada por Gatlif. Além destas referências cinematográficas, existem também as dez versões filmadas de *Carmen*, ópera de Bizet, que certamente ajudou a perpetrar a imagem da cigana sedutora que usa seus talentos de canto e dança para enfeitiçar homens de bem. Apesar de haver uma vasta filmografia cigana, em ficção e documentário, além destas referências, é provável que os adultos hipotéticos não os tenham assistido devido à sua circulação limitada.



## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

Os integrantes do grupo de ciganos *calon* de Mambaí assistiram à novela *Explode Coração*, mas não se sentiram representados ali. Eles não têm relações com os ciganos da umbanda e nenhum deles ouvira falar do cineasta Emir Kusturica. Alguns foram apresentados ao documentário *Latcho Drom*, em uma tarde da oficina de vídeo, sentados na sala de aula.

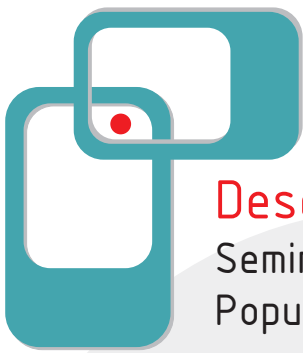
A experiência de registrar em vídeo a cultura *calon* ajudou o grupo a ver com mais clareza o valor de sua identidade e entender melhor seus direitos. Depois do início da oficina de formação, integrantes do grupo foram à Brasília mais de uma vez para participarem de encontros com outras lideranças ciganas - *calons, roms, kalderashs* – e estão hoje construindo uma nova política pública para o povo cigano. O filme *Escuta, gajon* mostra como é o modo de vida e quais são os valores mais importantes no grupo. Mesmo que para todos os integrantes do grupo o impacto não tenha se dado da mesma maneira – são 74 famílias sob a tutela de um mesmo chefe – para um pequeno núcleo, que participou ativamente da feitura do filme, essa experiência foi muito marcante. Para Dalcivan, o maior impacto foi assistir a um filme filmado por ele próprio, em que os costumes que ele conhece estão ali representados em toda sua verdade, sobre as quais ele nunca imaginou poder um dia registrar.

Ao longo da oficina, vivemos momentos que só poderiam ter acontecido porque nós estávamos filmando, assim como momentos que teriam se perdido para sempre se não tivéssemos registrado. Na tradição desse grupo *calon*, quando alguém morre, evita-se todas as imagens, fotos e mesmo os sons que possam lembrar aquela pessoa. Para os *gajons* isso pode não fazer muito sentido, mas, para esses ciganos, isso é muito importante. Desde a época dos bisavós de Dalcivan que a tradição lhe é passada dessa maneira. Com a

#### Minicurriculo:

Dalcivan Alves da Silva. Sou cigano e tenho 24 anos. A maioria do meu povo não é alfabetizada. Com muito esforço concluí o ensino médio em 2004. Minha família vive em Mambaí, estado de Goiás e negociamos carros e outros bens. Na minha família eu também sou o único que tenho um trabalho fixo, pois, como o ramo dos carros mantém-se um pouco fraco, fui morar em Goiânia onde trabalho cuidando de uma chácara que aluga seu espaço para eventos. Durante dois anos aprendi um pouco da linguagem audiovisual, atuando como câmera, diretor e editor na Oficina de Vídeo dos ciganos *calon* de Mambaí. *Escuta, gajon* é meu primeiro filme e tenho muita vontade de seguir nessa jornada.

Alice Lanari. Sou *gajin* e tenho 31 anos. Considero-me hoje uma pesquisadora audiovisual, graduada em Comunicação pela Escola de Comunicação da UFRJ (ECO/UFRJ) e mestranda em Comunicação pela Universidade de Brasília, vinculada à linha de Imagem e Som (PPG-FaC/UnB). No mercado audiovisual me especializei na



## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

função de assistência de direção. Com isso, pude trabalhar em muitos filmes – publicitários, ficção, documentários – onde aos poucos fui percebendo quais os alcances que eu poderia ter com o cinema e, principalmente, qual era a linguagem que me interessaria investigar. Esta é minha primeira experiência em uma oficina de formação. Mais do que ensinar uma linguagem, porém, posso dizer que aprendi muitas outras. Ter sido acolhida pelo grupo e juntos termos construído uma representação de cultura tão rica me enchem de alegria e orgulho. *Escuta, gajon* é meu segundo filme como diretora.

#### **Breve histórico da instituição:**

A Oficina de Vídeo dos Ciganos *calon* de Mambaí surgiu como fruto da pesquisa de mestrado desenvolvida na Linha de Imagem e Som do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (PPG-FaC/UnB). Interessávamos em saber como a entrada da ferramenta audiovisual poderia dinamizar a cultura e as tradições de um grupo. Não tem nenhuma fonte de financiamento, tendo contado apenas com o empréstimo do equipamento audiovisual da Universidade de Brasília. Ainda temos o desejo de transformar essa experiência em projeto mais perene, o *Olhar Cigano – Núcleo Audiovisual dos Ciganos Calon de Mambaí*, escrito e almejado pelos integrantes do grupo, mas que ainda não pôde virar realidade. Nesse núcleo trabalharíamos a partir da demanda, já expressa por integrantes de diferentes grupos do povo cigano, de que é preciso dar mais visibilidade e verdade às representações audiovisuais que falem deste povo.

1Um dos subgrupos que integram o povo cigano. *Calons* são os ciganos que chegaram ao Brasil entre os séculos XI e XIX, tendo passado pela península ibérica. Os *Roms* chegaram aqui após a emancipação política do Brasil em relação a Portugal, vindos de outras regiões do globo, como o Leste Europeu ou países do continente asiático.

2Negociações de compra e venda de carros e outros objetos.

3*Gajon* é o homem não-cigano, *gajin* é a mulher não-cigana, *gajons* são os não-ciganos em geral.